

Sobre semiótica e antropologia do imaginário

(About semiotics and anthropology of imaginary)

Geraldo Vicente Martins¹

¹Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

geraldovicente@uems.br

Abstract: This paper brings discursive semiotics and anthropology of the imaginary closer together, aiming at their pertinence as well as the analysis of possible convergences between the concepts of both settings and the possibility to integrate, adapt and incorporate both of them. As for the analysis of possible convergences between concepts and their implications, the proposal to this paper has been proved pertinent, especially concerning fundamental concepts of theories such as: discursive semiotics, semi-symbol, figurative isotopy, enunciation, existence mode and modality and junction, as well as the anthropology of the imaginary, symbol, image regimen, anthropological route, structures and verbal schemes.

Keywords: discursive semiotics; anthropology of imaginary; discourse analysis; fundamental concepts; convergence.

Resumo: O presente artigo realiza uma aproximação entre as teorias semiótica discursiva e antropologia do imaginário, focalizando a pertinência de cada uma delas e analisando as possíveis convergências entre os conceitos dos dois conjuntos e a possibilidade de integração, adaptação e incorporação entre eles. Quanto à análise das convergências possíveis entre os conceitos e seus desdobramentos, verificou-se a pertinência da proposta responsável pelo desenvolvimento do artigo, sobretudo em relação a conceitos fundamentais das teorias, a saber: pela semiótica discursiva, semi-símbolo, isotopias figurativas, instância de enunciação, modos de existência e modalidades e junção, e, pela antropologia do imaginário, símbolo, regimes de imagens, trajeto antropológico, estruturas e esquemas verbais.

Palavras-chave: semiótica discursiva; antropologia do imaginário; análise do discurso; conceitos fundamentais; convergência.

Introdução

Este artigo visa a discutir possíveis pontos de aproximação entre duas teorias que têm servido de sustentação para a análise do discurso: semiótica discursiva e antropologia do imaginário. Dadas as tendências contemporâneas dos estudos científicos que visam a promover a interação entre as diversas teorias que fornecem subsídios à ampliação do conhecimento humano, tal discussão encontra sua relevância no fato de estudar em quais pontos os dois conjuntos teóricos, de certa forma, ainda recentes e em constante aprimoramento, podem possuir convergências em suas bases conceituais.

Nesse sentido, tendo em vista a discussão de alguns pressupostos teóricos que fornecem maior viabilidade ao trabalho, enfocaremos pontos de contato revelados entre a semiótica discursiva e a antropologia do imaginário a partir da última obra individual publicada por A. J. Greimas: *Da imperfeição*.

No livro, deixando um pouco de lado a preocupação com certas minúcias do instrumental metodológico da teoria, sobretudo no que se refere à metalinguagem, o autor analisa alguns simulacros da apreensão estética (que se erige como um acontecimento extraordinário) encontrados em textos literários modernos, para, depois, ensaiar a proposição de algumas bases para um projeto que visa a ressemantizar os conteúdos esvaziados de sentido, na vida de todos os dias. Nas breves considerações que, na maioria das vezes, efetua ao longo do livro, Greimas deixa entrever a presença da problemática do simbólico envolvendo tais questões, abrindo, a nosso ver, uma via mais fácil para a interlocução com as idéias presentes em toda a obra de Gilbert Durand.

Da imperfeição e o simbólico

Obra concebida na maturidade do autor, quando já construía a maior parte do edifício teórico da semiótica, para discutir questões associadas à especificidade do acontecimento estético e sua influência sobre o sujeito, *Da imperfeição* se abre com uma indagação relacionada ao componente figurativo da camada superficial, no nível discursivo, portanto, dos textos. Recobrando elementos de natureza temática, a figuratividade é posta em cheque pelo fato de, na concepção do autor, constituir uma dimensão desviante do sentido. Em reflexão de caráter filosófico e poético, tom que dominará diversas passagens do livro, o autor coloca a questão:

Todo parecer é imperfeito: oculta o ser; é a partir dele que se constroem um querer-ser e um dever-ser, o que já é um desvio do sentido. Somente o parecer, enquanto o que pode ser – a possibilidade –, é vivível.

Dito isso, o parecer constitui, apesar de tudo, nossa condição humana. É ele então manejável, perfectível? E, no final das contas, esta veladura de fumaça pode dissipar-se um pouco e entreabrir-se sobre a vida ou a morte – que importa? (GREIMAS, 2002, p. 19)

Ao pensarmos na linguagem verbal e nos conteúdos que ela veicula, resultantes da capacidade de simbolização do ser humano, os questionamentos do semioticista não deixam de causar certo incômodo, afinal, trata-se de pensar a relação com os objetos e práticas significantes, notadamente o uso da linguagem, que nos acompanha ao longo de toda a vida. Assim, dobrar-se ante o poder-ser dos signos, sua aparência e as revelações que proporcionam é, justamente, o único meio de entendê-los.

Contudo, se, na primeira parte da obra, a reflexão do semioticista restringe-se a simulacros da apreensão estética em um conjunto de discursos literários, dos quais quatro são em prosa e um em verso, na segunda, acaba por estender-se a outros conjuntos significantes, como o das vestimentas e de objetos místicos, retomando a intenção que o texto de abertura contém de promover uma reflexão sobre a própria condição humana e o sentido da existência – intenção já manifestada pelo autor em outras ocasiões, ao referir-se ao esquema narrativo canônico como portador do “sentido de uma vida”. Essa abrangência dos campos analisados também fornece certa abertura para a integração com os estudos do imaginário, que sempre observam o sujeito em sua totalidade, ser integrado à natureza e à cultura.

A indagação inicial do semiótico implica ainda a problemática das paixões, uma vez que, à época da publicação do livro, estas eram analisadas e compreendidas a partir da modalização do ser sujeito, posto que, nela, se discutem, além do possível (poder-ser), também o que é desejável (querer-ser) e/ou necessário (dever-ser) para o sujeito. Desse arranjo de modalidades, seus acordos e desacordos, é que nascem as paixões do sujeito. Somos convidados, então, a pensar nossa relação com as linguagens, práticas e objetos significantes como sujeitos apaixonados, seres cujo grau de envolvimento, com o que se busca alcançar, encontra-se sempre modalizado pela própria paixão.

Nesse sentido, é preciso considerar os fragmentos literários escolhidos para análise do autor. O primeiro é extraído da obra *Sexta-feira, ou Os limbos do Pacífico*, do escritor francês Michel Tournier, e focaliza a vida monótona de Robinson, o solitário habitante de uma ilha no meio do Pacífico, que havia conseguido organizar sua vida em torno do ritmo das gotas de água a caírem de uma clepsidra; tal existência, de repente, é transformada por uma gota que, contrariando a expectativa do sujeito, recusa-se a cair. O segundo é um dos capítulos de *Palomar*, do italiano Ítalo Calvino, relatando o passeio pela praia do protagonista que dá título ao livro, e se detém sobre o ponto em que ele se depara com uma jovem a tomar sol com os seios desnudos, voltando-se, várias vezes, sobre o objeto para apreciá-lo. O terceiro é o poema *Exercícios ao piano*, do alemão Rainer Maria Rilke, no qual uma jovem, durante uma cálida tarde de verão, realiza sua lição musical ao piano diante de uma janela que se abre para um belo e fresco jardim, que parece vir incomodá-la. O quarto é um trecho do *Elogio da Sombra*, do japonês Junichiro Tanizaki, em que o narrador relata uma experiência que teve, na juventude, com a observação da incidência das trevas sobre a luz de uma vela, em uma sala preparada para determinada cerimônia. O quinto, e último, texto analisado por Greimas é *Continuidade dos parques*, do argentino Julio Cortázar, que trata da relação entre leitor e leitura de uma maneira surrealista, na qual o sujeito de uma narrativa abordando uma traição amorosa revela-se, ao final do conto, como o próprio marido traído a ler a história.

Ao reunir tais textos, na primeira parte do livro, o autor o faz sob a denominação de *A fratura*, visando a oferecer ao leitor já uma interpretação pessoal da função que o acontecimento estético ocupa na vida dos sujeitos: trata-se de romper o seu cotidiano, ressemantizando ações corriqueiras que haviam perdido o sentido para ele, tornando-se dessemantizadas, simples encadeamento de insignificâncias. É a partir de um evento descontínuo na continuidade da existência, resultando na imperfeição do título, que a vida passa a adquirir, novamente, sentido.

Na segunda parte da obra, denominada *As escapatórias*, a atenção do autor se volta para a possibilidade de que os próprios sujeitos construam momentos em que a realidade, de certa forma, se transfigure a seus olhos, não esperando que o sentido pleno da existência advenha somente de uma conjunção rara e feliz entre sujeito e objeto, dependente de um tempo e um espaço únicos. Nesse trajeto, Greimas retoma considerações de natureza histórica para discutir pontos de vista ocidentais sobre a noção de estética e estesia, concedendo uma sobrevalorização à última. Assim, em três curtos capítulos, “Imanência do sensível”, “Uma estética exaurida” e “A espera do inesperado”, procura discutir elementos

que poderiam servir de base à construção de tais momentos propícios à realização do encontro entre sujeito e objeto.

Ao analisarmos a possível convergência entre as noções de símbolo, na antropologia do imaginário, e semi-símbolo, na semiótica discursiva, constatou-se que esse era o ponto em que as duas teorias enfrentavam uma dificuldade maior para a aproximação entre elas. Contudo, se for deixada de lado a noção de semi-símbolo, veremos que, em algumas das observações feitas por Greimas na análise que efetua dos trechos literários em *Da imperfeição*, o que se recupera é, ainda que sem nomeá-la, a visão de símbolo tal como a entende Durand.

No primeiro fragmento, em que a gota, responsável pela marcação do tempo cotidiano para o sujeito, recusa-se a cair, chamando sua atenção para a possibilidade de uma outra ilha, figurativização de uma outra existência, temos o caráter simbólico da experiência por que passa o sujeito. Uma simples gota apresenta-se como símbolo do possível; ela é, na ausência da experiência desejada, a manifestação do mundo sonhado pelo sujeito. Desse modo, a resistência dos semioticistas em aceitar a concepção do símbolo é quebrada pelo autor, o qual, contudo, analisa o acontecimento ainda sob os próprios termos da semiótica, mesmo efetuando certa diluição da metalinguagem referente ao instrumental da teoria. Analisando as representações da gota que se recusa a cair, Greimas (op. cit., p. 29) declara: “Esta, enquanto figura do mundo, apropria-se gramaticalmente das funções do sujeito e opera ostensivamente, no coração do objeto, como um ator modalizado e patêmico”.

Recusando-se a aceitar, pelo nome, o estatuto simbólico¹ que sua análise evoca, o autor busca conferir-lhe uma explicação de natureza semiótica, entendendo que a gota cumpre a função de sujeito do fazer, ao se tornar responsável pela transformação de Robinson e levá-lo a entrar em conjunção com o conhecimento de uma outra ilha possível. Não é sem razão que, contemplado o primeiro evento, o sujeito passa a vivenciar a expectativa da irrupção de nova ocorrência semelhante, revestindo a espera de um caráter tenso intenso e trazendo à lembrança a reminiscência do momento feliz que o acometera.

Na conclusão da análise, com o intuito de recuperar as marcas presentes na relação especial entre sujeito e acontecimento estético, Greimas (op. cit., p. 30) assevera:

A inserção na cotidianidade, a espera, a ruptura de isotopia, que é uma fratura, a oscilação do sujeito, o estatuto particular do objeto, a relação sensorial entre ambos, a unicidade da experiência, a esperança de uma total conjunção, esses são os poucos elementos constitutivos da apreensão estética que o texto de Michel Tournier nos revelou.

A força do acontecido para Robinson é exemplar do poder do símbolo, cujo significante aponta para um outro sentido, inacessível à primeira vista, interpelando o sujeito para que busque alcançá-lo. Assim, é por meio da análise do evento estético que o

¹ Para nós, o símbolo diz respeito a uma realidade sensível da qual emerge a possibilidade de um outro sentido. É preciso ressaltar, porém, que não se trata de simples/mera ambigüidade, posto que a experiência de sentido promovida pelo símbolo é muito mais rica, transformadora, pode-se dizer, da existência dos sujeitos, uma vez que a ressignifica.

símbolo adentra o terreno da semiótica, embora o autor prefira mencionar a eficácia de tal elemento pelo “estatuto particular do objeto”; a verdade é que não se recorre aqui ao semi-símbolo, aceitando-se, implicitamente, sua inadequação para abordar o problema figurativo trazido pelo texto de Tournier.

No que se refere ao relato de Palomar, a conjunção que se discute é também muito mais de natureza visual do que tátil. Ao se deparar com a visão de uma jovem banhista a tomar sol com os seios nus na praia, ele se volta, diversas vezes, para a direção da moça, ávido de contemplar o belo objeto que se lhe apresenta; por isso, Palomar busca ângulos ideais para que possa melhor admirar a beleza da jovem. Dada a forma com que o sujeito observa o objeto, trata-se de uma apreensão estética, pois, muito embora um seio desnudo seja uma visão ordinária, sua transfiguração em algo sobrenatural pelo olhar do sujeito, confere-lhe traços de natureza artística.

A isotopia estética que se constrói por meio das considerações que Palomar efetua durante a observação dos seios da jovem, pondo à parte quaisquer apreciações de ordem moral sobre o ato, evoca, outra vez, a pregnância simbólica do objeto. Os seios não valem somente pelo que são, a saber, metonímia do corpo feminino, mas também pela beleza que eles contêm, fato que leva o sujeito à reflexão sobre o caráter da própria apreensão estética, obrigando-o a construir um ritual e um cenário para a conjunção desejada, por meio da busca de um lugar de onde se possa admirar melhor o espetáculo.

A leitura do terceiro texto analisado pelo semiótico, *Exercícios ao piano*, um poema de Rilke, convida o leitor a presenciar a lição musical cumprida por uma jovem durante uma tarde cálida; defronte ao piano em que executa seu número, cuja temporalidade é marcada ostensivamente pelo ritmo de um metrônomo, a jovem conta com uma janela que se abre para o jardim, onde a frescura domina, mas do qual se recolhe um insistente perfume de jasmim. Como o jardim parece querer adentrar o espaço da sala ocupada pela jovem, e invadir a ela também, possuindo-a, com um gesto, ela o recusa e afasta. É sobre a recusa que o semiótico constrói grande parte de suas considerações sobre o texto.

Tal problemática da junção, implícita no poema de Rilke, exige que se pense também na orientação dos esquemas verbais mencionados por Durand. Tudo se passa como se a jovem fizesse questão de afirmar sua identidade, enfatizando-a por meio da recusa ao jardim, figura representativa da alteridade. Esse caráter disjuntivo do texto encaminha-o para uma inserção no regime diurno da imagem.

A realização de uma retro-leitura sobre os trechos analisados por Greimas promove o reconhecimento da grande importância atribuída à sensorialidade na definição dos acontecimentos estéticos, ressaltando-se sua percepção pelos sujeitos. A visão e o tato ocupam função determinante nas experiências por que passam Robinson, Palomar e a jovem ao piano. Existe, portanto, a preocupação de mencionar a presença do corpo para situá-lo como elemento em que se radica a apreensão estética.

No fragmento extraído do *Elogio da sombra*, de Tanizaki, novamente a visão ocupa um papel primordial, e o olho, como fonte primeira do conhecimento a ser preservada, divide com a luz e a escuridão a função de protagonista do texto. O narrador rememora um

acontecimento que presenciara havia muitos anos e, a partir do qual, em função dos arranjos cenográficos ocorridos em determinada casa a que realizava uma visita, bem como de uma feliz coincidência temporal, pudera presenciar a “cor das trevas”. O impacto dessa visão sobre o sujeito fora tão significativo que ele cerrara os olhos para que ela não o dominasse.

A conjunção entre sujeito e objeto que, de início, ocorre à distância acaba por subjugar a capacidade de dominação do primeiro, obrigando-o a fechar os olhos para que não perdesse o seu estatuto semiótico. Eis que, uma vez mais, a força do evento extraordinário que é a apreensão estética mostra-se capaz de subverter a função de sujeito transformador, tirando-a daquele que, em um primeiro momento, parecia ser o responsável pelo fazer para cedê-la ao objeto. Como bem nota o semioticista:

É no plano físico, no nível da pura sensação – as partículas da matéria resplandecendo todas as cores e indo introduzir-se nos olhos –, que se faz a conjunção do objeto com o sujeito ou, antes, a invasão do sujeito pelo objeto, uma penetração que não pode senão fazer pensar nas experiências de um Henri Michaux, descritas em *Les grandes épreuves de l'esprit*, em que o sujeito, sob efeitos das drogas, é anonado, despojado pelo espaço em expansão, que, onipresente, o absorve inteiramente. Estamos aqui em presença da estesis que atingiu os seus limites, no momento em que a consciência do sujeito está no ponto de dissolver-se em um mundo excessivo. (GREIMAS, op. cit., p. 52)

Recusando-se a conferir o estatuto do fazer às trevas, tratando ainda o elemento contemplado como objeto, o autor acaba por realçar seu caráter subversivo, uma vez que é capaz de impor-se com tamanha força ao sujeito que, somente, resta a este a ação de recuar frente à invasão representada por aquele. Inverte-se a orientação tradicional da narrativa, responsável por conduzir o sujeito rumo ao objeto, para ceder ao último a predominância sobre o primeiro.

Efetivamente, para além da experiência simbólica que também se configura nas linhas de Tanizaki, discute-se, outra vez, o problema da junção, questão recorrente nos simulacros estéticos de que trata o autor. Isso mostra que a categoria junctiva, presente desde as formulações iniciais da semiótica, continua a determinar muitos dos passos que a teoria ensaia rumo a novas direções de pesquisa.

O último texto analisado pelo semioticista é o conto *Continuidade dos parques*, de Cortazár. Nele, o leitor de um romance, cuja narrativa versa sobre um casal de amantes discutindo um plano para a eliminação do marido traído, vê-se, à medida que a leitura avança, enredado na própria trama, tornando-se, justamente, a personagem a ser assassinada pelo amante. Ocorre, portanto, uma transposição entre dois dos níveis enunciativos: da enunciação enunciada, o leitor é conduzido para o nível do enunciado, tornando-se testemunha, cúmplice e, finalmente, vítima da trama dos amantes. Isso leva Greimas (op. cit., p. 62) a afirmar: “O sujeito-observador, integrado nesse mundo, não pode mais disso escapar: doravante, a fatalidade e a morte pesam sobre ele, tanto como sobre os outros personagens do romance, fazendo-o participar de sua sina”.

Ainda que grande parte da discussão seja dedicada a analisar esse jogo entre um e outro nível enunciativo, e as conseqüências trazidas para o desenvolvimento do enredo, há

que se considerar também a conjunção do sujeito leitor e dos sujeitos da narrativa, por meio do tato, com os objetos que o cercam ou entre si. O primeiro, ao preparar-se para a entrega à atividade de leitura, escolhe uma confortável poltrona de veludo (além de procurar garantir o sossego do cenário em que se realizaria a empreitada) e, enquanto lê, acaricia o material que a compõe; os segundos acariciam a face um do outro. Dessa forma, o contato tátil, uma vez mais, apresenta-se como traço marcante para a experiência dos sujeitos.

É considerando, então, essa linha de raciocínio que a análise do conto termina com o semiótico (op. cit., p. 65) a concluir: “Uma efêmera sensação tátil, o contato delicado do sujeito com o outro – o veludo, a face (a bochecha, no conto em espanhol e francês) – é tudo o que resta quando não há nada mais a esperar”.

Curiosamente, no final das análises efetuadas sobre os diversos trechos literários, Greimas aponta a quase-ausência de elementos a serem considerados pelos sujeitos quando a espera não oferece muitas expectativas. Parece querer afirmar, indiretamente, que a tensão da espera é um dos grandes elementos constitutivos do sujeito prestes a vivenciar um acontecimento estético. Tal ponto de vista será retomado pelo autor na segunda parte da obra, efetuando-se alguns desdobramentos sobre ele.

Nesse ponto do texto, verifica-se a proposição de uma axiologia específica para o universo estético, que, ao ser levada em consideração, faça frente aos valores mundanos correntes, provoca um novo olhar sobre nossas condutas rotineiras. Surgindo como alternativa, a valorização estética dos momentos que, somados, constituem a vida dos sujeitos visa a projetar a existência humana em direção a um patamar superior, atribuindo-lhe o sentido necessário. E isso pode tornar-se possível por meio da recuperação do papel do imaginário no cotidiano, principalmente em tempos dominados pelo excesso de imagens a acometer as pessoas, fator que traz consigo, de modo constante, o risco de anestesiá-las.

Ao final da obra, o autor retoma as considerações em torno da imperfeição para alçá-la, definitivamente, ao estatuto de responsável pela possibilidade de a vida cotidiana e suas práticas adquirirem um novo sentido. Diante da impossibilidade de enunciar o grande acontecimento vivido, o sujeito vê-se obrigado a lançar um olhar retrospectivo sobre o passado e outro prospectivo sobre o porvir, alimentando a expectativa de que ela se repita; mas e no presente, como fica a vida desse sujeito em constante tensão? Cabe a seu imaginário atualizar os fragmentos da ocorrência extraordinária e garantir-lhe a manutenção de uma vida aceitável.

Afinal, permanece sempre aberta a possibilidade de uma experiência sobrenatural para o sujeito, no sentido de que lhe transcenda a vida ordinária de todos os dias, apresentando-se como capaz de transformar-lhe os gestos e palavras habituais em portadores de outro sentido, mais pleno porque menos desgastado. É a vivência da manifestação simbólica de que fala Durand (1988, p. 13) ao afirmar que “o símbolo é a epifania de um mistério”, revelação, portanto, do que se encontra oculto no cotidiano que nos envolve.

Considerações finais

Diante das afirmações contidas em *Da imperfeição*, o objetivo último das confrontações teóricas que vimos efetuando, a saber, a partir da convergência entre a semiótica discursiva e a antropologia do imaginário, propor um modelo integrado de análise discursiva, torna-se ainda mais palpável, uma vez que a importância conferida às imagens e seu impacto sobre os sujeitos, adquirindo a eficácia de transmitir-lhes, por meio de discursos verbais ou não-verbais, outros sentidos, encontra-se reafirmada nos dois conjuntos teóricos, garantindo a existência de um elo de coerência bastante considerável entre eles. Assim, é preciso encerrar este artigo com algumas considerações em torno dos conceitos envolvidos na busca de convergência entre as teorias, os quais servirão de base para elaborar-se o modelo mencionado.

Iniciando pela relação entre as noções de semi-símbolo e símbolo, as quais têm oferecido maior dificuldade em serem homologadas, vemos que apesar de existir grande recusa dos teóricos da semiótica na aceitação da segunda, razão por que preferem falar em uma espécie de motivação do(s) signo(s) em determinados discursos, responsável por gerar a primeira, em alguns dos textos que se analisam, abre-se espaço para manifestações semióticas em que imagens, equivalentes ao símbolo no imaginário, possam cumprir uma importante função nos textos que se analisam. Se, por um lado, é evidente que o caráter simbólico dos signos, encontrado nos textos discutidos em *Da imperfeição*, diz respeito ao contexto discursivo que os acolhe, tornando-se susceptíveis de serem interpretados como tal em razão da isotopia construída e sobre a qual se efetua a ruptura reveladora de sentido para os sujeitos, por outro, não se pode desconsiderar a motivação semântica a que tais signos são expostos, e pela qual adquirem o estatuto simbólico já mencionado.

O certo é que Greimas, em obra que se coloca ao final de todo um percurso teórico, não opera com a noção de semi-símbolo presente em outros estudos de sua autoria ou de colaboradores, mas acolhe um conceito no qual, apesar de não ser nomeado, se reconhece a presença implícita do símbolo para explicar o acontecimento estético. Talvez, em razão da entrada dessa noção, parafraseando Bernard Pottier, “mal amada” na área da teoria é que alguns autores não se cansam de recomendar a necessidade de um trabalho de semiotização justamente sobre a última obra individual do fundador da semiótica. Tratar-se-ia de uma recusa explícita em aceitar a possibilidade de integração do símbolo à teoria?

Quanto às imagens, tão valorizadas pela antropologia do imaginário, no interior da qual se agrupam em regimes, revelam-se como elementos de natureza isotópica, recebendo o estatuto de figuras na semiótica discursiva. Como se pode avaliar por sua presença tanto em um quanto em outro conjunto teórico, em ambos, elas funcionam como peças fundamentais para a definição do (con)texto em que se encontram. É a partir da observação das imagens que se classifica o discurso em figurativo ou temático, literário ou social, diurno ou noturno; são, portanto, elas as responsáveis por definir os seus contornos mais superficiais.

Por sua vez, a semelhança entre os estudos a respeito da instância da enunciação e o trajeto antropológico do imaginário confirma-se na análise de como tais imagens são projetadas no enunciado-discurso. A própria abordagem de textos procedentes de contextos

culturais distintos revela traços de distinção dos processos enunciativos neles empregados: ora uma projeção mais objetivante; ora uma mais subjetivante, o que poderia auxiliar na identificação das diferenças constitutivas dos diferentes modos de organização do discurso presentes nesta ou naquela cultura específica. Além disso, a presença de textos em que o trajeto antropológico valoriza mais o pólo individual ou social também seria importante para a definição das nuances relacionadas à instância produtora do discurso.

A problemática dos modos de existência e das modalidades associada à das estruturas faz-se notar na constituição dos sujeitos. Assim, em diversas manifestações textuais, sujeitos virtualizados e atualizados vêm-se diante de situações questionadoras da possibilidade de se tornarem realizados, mediante a transformação vivenciada pelo poder da apreensão estética. Esse impasse aponta para uma necessidade de complexificar os estudos a respeito das modalidades semióticas e das estruturas imaginárias, analisando-se, dado o percurso de constituição dos sujeitos, como evolui a constituição de sua identidade em relação aos diferentes pontos em que se encontram no percurso – é a integração do ponto de vista da continuidade ao da descontinuidade que se encontra colocada.

Finalmente, no que se refere ao problema da junção em associação com os esquemas verbais, nota-se que ele esteve, todo o tempo, presentes nos estudos efetuados em *Da imperfeição*. É justamente por meio do questionamento ou de uma suspensão das categorias juntas tradicionais que a experiência estética acomete o sujeito, deixando-o à mercê de um poder maior, diante do qual ele não consegue agir. Tal paralisação, porém, resulta em um encantamento, em certo deslumbramento que modifica em definitivo o ser desse sujeito, chamando-lhe a atenção para o inconveniente das coisas que o cercam e mostrando-lhe a possibilidade de alcançar outra condição. Do ponto de vista dos esquemas verbais, além do que a fratura manifesta, uma separação entre a realidade habitual do sujeito e um plano superior, existe a necessidade de cognitivizar o acontecido para atribuir-lhe um sentido vivível.

Ressalte-se que as últimas considerações mostram que semiótica discursiva e antropologia do imaginário, embora se tenham originado com base em pressupostos epistemológicos distintos, passam a registrar diversos pontos em comum ao longo de sua trajetória. São esses pontos que se pretendem agrupar em um modelo integrado de análise discursiva, enfatizando-se que o rigor da forma contemplado pela primeira teoria pode ser bastante enriquecido com a observação do conteúdo característica da segunda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DURAND, G. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- _____. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1988.
- _____. *Mito, símbolo e metodologia*. Lisboa: Presença, 1982.
- GREIMA, A. J. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker, 2002.
- _____. *Del sentido II. Ensayos semióticos*. Madri: Gredos, 1989.

_____ & COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, s.d.

_____ & _____. *Semiótica. Diccionario razonado de la teoria del lenguaje – tomo II*. Madrid: Gredos, 1991.

_____ & FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática, 1993.

HÉNAULT, A. *Le pouvoir comme passion*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.